

A formação econômica socioespacial de Garibaldi (Rio Grande do Sul, Brasil) e sua relação com a vitivinicultura¹

The socio-spatial economic formation of Garibaldi (Rio Grande do Sul, Brazil) and its relationship with viticulture

La formation économique socio-spatiale de Garibaldi (Rio Grande do Sul, Brésil) et sa relation avec la vitiviniculture

Alberta von Mühlen Bertele*
Eduardo Schiavone Cardoso **

*Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, Garibaldi, Brasil – vonmuhlenbertele.a@gmail.com

**Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil – educard2016@gmail.com

Recebido em 07/05/2026. Aceito para publicação em 23/07/2026.
Versão online publicada em 24/08/2026 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

A vitivinicultura constitui-se como elemento estruturador da organização espacial, econômica e cultural do município de Garibaldi, localizado na Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul - Brasil. Desde o final do século XIX, com a chegada dos imigrantes italianos, o cultivo da uva e a produção de vinhos passaram a integrar o cotidiano local, influenciando a ocupação territorial, os modos de produção, as relações de trabalho e a identidade regional. Este artigo analisa a formação econômica socioespacial de Garibaldi e sua relação com a vitivinicultura, evidenciando o processo de transição de um modelo artesanal, caracterizado pela produção familiar realizada nos porões das casas, para um sistema industrial moderno, tecnificado e integrado ao mercado nacional e internacional. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de espaço geográfico, organização espacial e formação econômica e social. Metodologicamente, o estudo baseia-se em revisão bibliográfica, análise documental e trabalho de campo, incluindo entrevistas semiestruturadas com vitivinicultores e agentes locais. Os resultados demonstram que a vitivinicultura ultrapassa sua dimensão econômica, configurando-se como elemento central da dinâmica territorial, responsável pela integração entre espaço rural e urbano, pela industrialização local, pelo fortalecimento do turismo e pela consolidação de Garibaldi como “Capital Brasileira do Espumante”. Conclui-se que a organização espacial do município resulta da ação articulada de diferentes agentes sociais ao longo do tempo, tendo a vitivinicultura como eixo estruturante do processo histórico e territorial.

Palavras-chave: Vitivinicultura. Formação socioespacial. Organização espacial. Garibaldi (RS - Brasil).



¹ Trabalho originado da dissertação de mestrado da autora.

Abstract:

Viticulture constitutes a structuring element of the spatial, economic, and cultural organization of the municipality of Garibaldi, located in the Serra Gaúcha region, Rio Grande do Sul, Brazil. Since the late nineteenth century, with the arrival of Italian immigrants, grape cultivation and wine production have become part of local daily life, influencing territorial occupation, modes of production, labor relations, and regional identity. This article analyzes the socio-spatial economic formation of Garibaldi and its relationship with viticulture, highlighting the transition from an artisanal model—characterized by family-based production conducted in house cellars—to a modern, industrial, technologically advanced system integrated into national and international markets. The research is grounded in the concepts of geographic space, spatial organization, and economic and social formation. Methodologically, the study is based on a literature review, documentary analysis, and fieldwork, including semi-structured interviews with wine growers and local agents. The results demonstrate that viticulture goes beyond its economic dimension, constituting a central element of territorial dynamics, responsible for the integration between rural and urban spaces, local industrialization, the strengthening of tourism, and the consolidation of Garibaldi as the “Brazilian Capital of Sparkling Wine”. It is concluded that the municipality’s spatial organization results from the articulated action of different social agents over time, with viticulture serving as the structuring axis of the historical and territorial process.

Keywords: Viticulture. Socio-spatial formation. Spatial organization. Garibaldi (RS – Brazil).

Resumen / Résumé:

La vitiviniculture constitue un élément structurant de l’organisation spatiale, économique et culturelle de la municipalité de Garibaldi, située dans la région de la Serra Gaúcha, dans l’état du Rio Grande do Sul, au Brésil. Depuis la fin du XIX^e siècle, avec l’arrivée des immigrants italiens, la culture de la vigne et la production de vin se sont intégrées au quotidien local, influençant l’occupation du territoire, les modes de production, les relations de travail et l’identité régionale. Cet article analyse la formation économique socio-spatiale de Garibaldi et sa relation avec la vitiviniculture, en mettant en évidence le processus de transition d’un modèle artisanal — caractérisé par une production familiale réalisée dans les caves des maisons — vers un système industriel moderne, technifié et intégré aux marchés national et international. La recherche s’appuie sur les concepts d’espace géographique, d’organisation spatiale et de formation économique et sociale. D’un point de vue méthodologique, l’étude repose sur une revue bibliographique, une analyse documentaire et un travail de terrain, incluant des entretiens semi-directifs avec des vitiviniculteurs et des acteurs locaux. Les résultats montrent que la vitiviniculture dépasse sa dimension économique et s’affirme comme un élément central de la dynamique territoriale, responsable de l’intégration entre espaces rural et urbain, de l’industrialisation locale, du renforcement du tourisme et de la consolidation de Garibaldi en tant que “Capitale brésilienne du vin mousseux”. Il est conclu que l’organisation spatiale de la municipalité résulte de l’action articulée de différents agents sociaux au fil du temps, la vitiviniculture constituant l’axe structurant du processus historique et territorial.

Mots-clés: Vitiviniculture. Formation socio-spatiale. Organisation spatiale. Garibaldi (RS – Brésil).

1. Introdução

A Geografia, enquanto campo científico dedicado à análise do espaço geográfico, tem como uma de suas principais atribuições compreender os processos por meio dos quais a sociedade produz, organiza e transforma o território. O espaço geográfico não se reduz a um cenário neutro onde as ações humanas se desenvolvem, mas constitui-se como uma construção histórica, resultante das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, os grupos sociais e a natureza, mediadas pelo trabalho, pela técnica e pelas formas de organização econômica e política. Conforme Milton Santos (1977; 1985; 1988), o espaço constitui simultaneamente produto e condição da sociedade, incorporando objetos, ações e técnicas que refletem diferentes momentos históricos.

A organização espacial, conforme Corrêa (1986; 2000), pode ser compreendida como o conjunto articulado de formas, funções e estruturas resultantes das práticas sociais. Essas práticas não são homogêneas, mas expressam interesses diversos e, muitas vezes, conflitantes, vinculados à atuação de diferentes agentes sociais, como o capital, o Estado, as instituições e os trabalhadores. Desse modo, a organização do espaço revela não apenas a lógica produtiva dominante, mas também as relações de poder que orientam a apropriação e o uso do território. Na perspectiva da Geografia Crítica, a formação econômica e social somente pode ser compreendida quando articulada à dimensão espacial, pois é no território que se materializam as relações sociais (Santos, 1977).

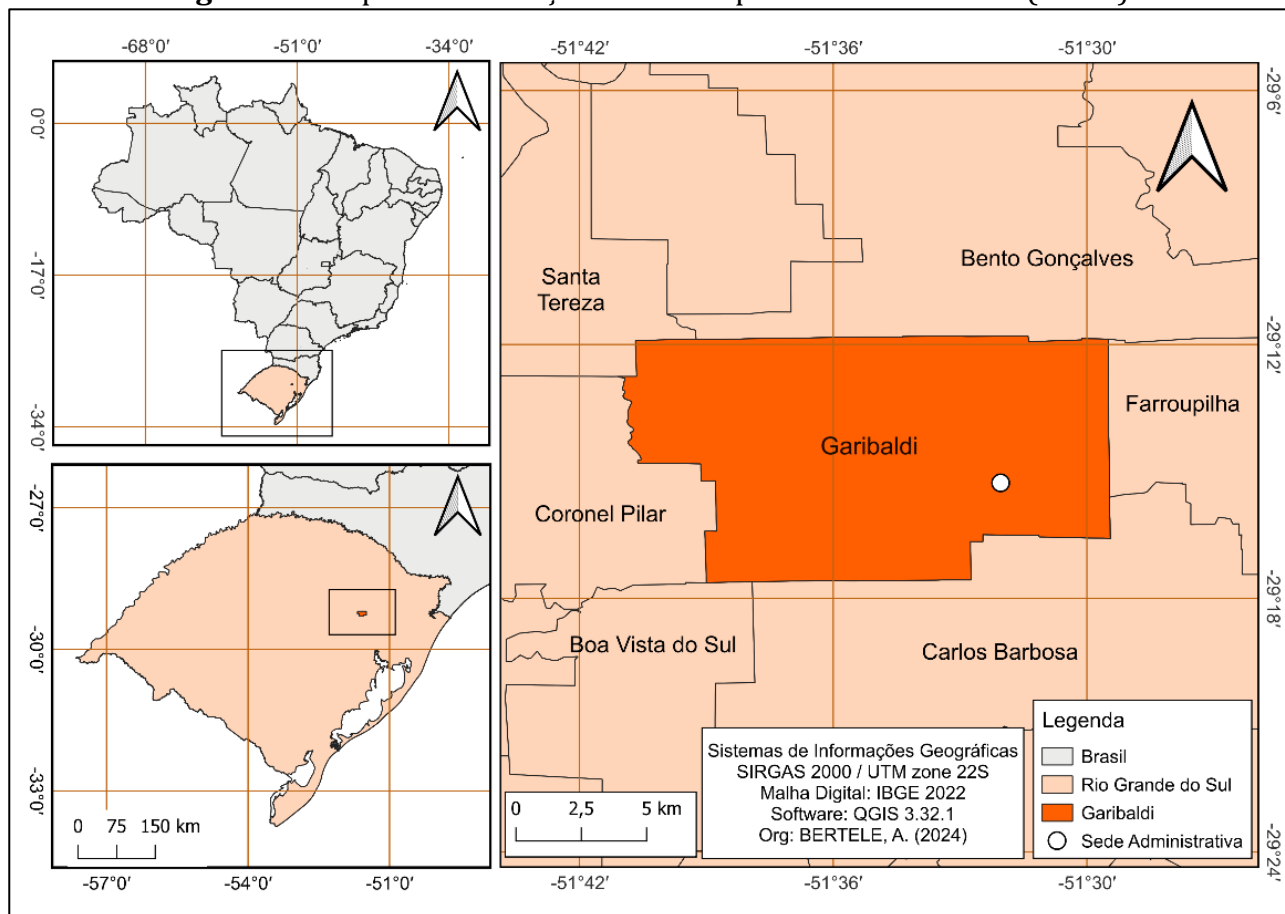
Entre as atividades capazes de estruturar a organização espacial da Serra Gaúcha destaca-se a vitivinicultura, cuja expansão, iniciada com a imigração italiana na segunda metade do século XIX, integrou agricultura, indústria, comércio e turismo, tornando-se elemento central da organização territorial regional.

O município de Garibaldi (Figura 1), constitui um caso emblemático desse processo histórico. Desde sua origem, ainda como Colônia Conde D'Eu, a vitivinicultura esteve presente como base econômica e elemento estruturador da organização espacial local. A produção inicialmente realizada de forma artesanal, nos porões das casas dos imigrantes, evoluiu para um sistema industrial complexo, marcado pela presença de vinícolas familiares, cooperativa e, posteriormente, empresas multinacionais, que redefiniram profundamente o espaço rural e urbano do município.

As transformações da vitivinicultura em Garibaldi não se limitaram à esfera produtiva, mas repercutiram de forma ampla na dinâmica territorial. O espaço rural, caracterizado por pequenas propriedades, vinhedos e técnicas tradicionais de cultivo, passou a se articular de maneira crescente com o espaço urbano, onde se concentraram as estruturas industriais, o comércio especializado, os serviços vinculados ao vinho e ao espumante. Essa articulação evidencia uma integração rural-urbana mediada pela atividade vitivinícola, que atua como eixo estruturante da economia local.

Além da dimensão econômica, a vitivinicultura constitui elemento central da identidade territorial de Garibaldi, associando patrimônio, memória, práticas culturais e paisagem vitícola (Haesbaert, 2004).

Figura 1 – Mapa de localização do município de Garibaldi – RS (Brasil)



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a formação econômica socioespacial de Garibaldi (RS) e sua relação com a vitivinicultura, buscando compreender como essa atividade estruturou — e continua estruturando — a organização do espaço geográfico ao longo do tempo. O estudo fundamenta-se nos conceitos de espaço geográfico, organização espacial e formação econômica e social e analisa as transformações técnicas, produtivas e territoriais associadas no tempo e no espaço de Garibaldi, destacando a ação dos diversos agentes sociais envolvidos — agricultores, cooperativa, indústrias, Estado e mercado.

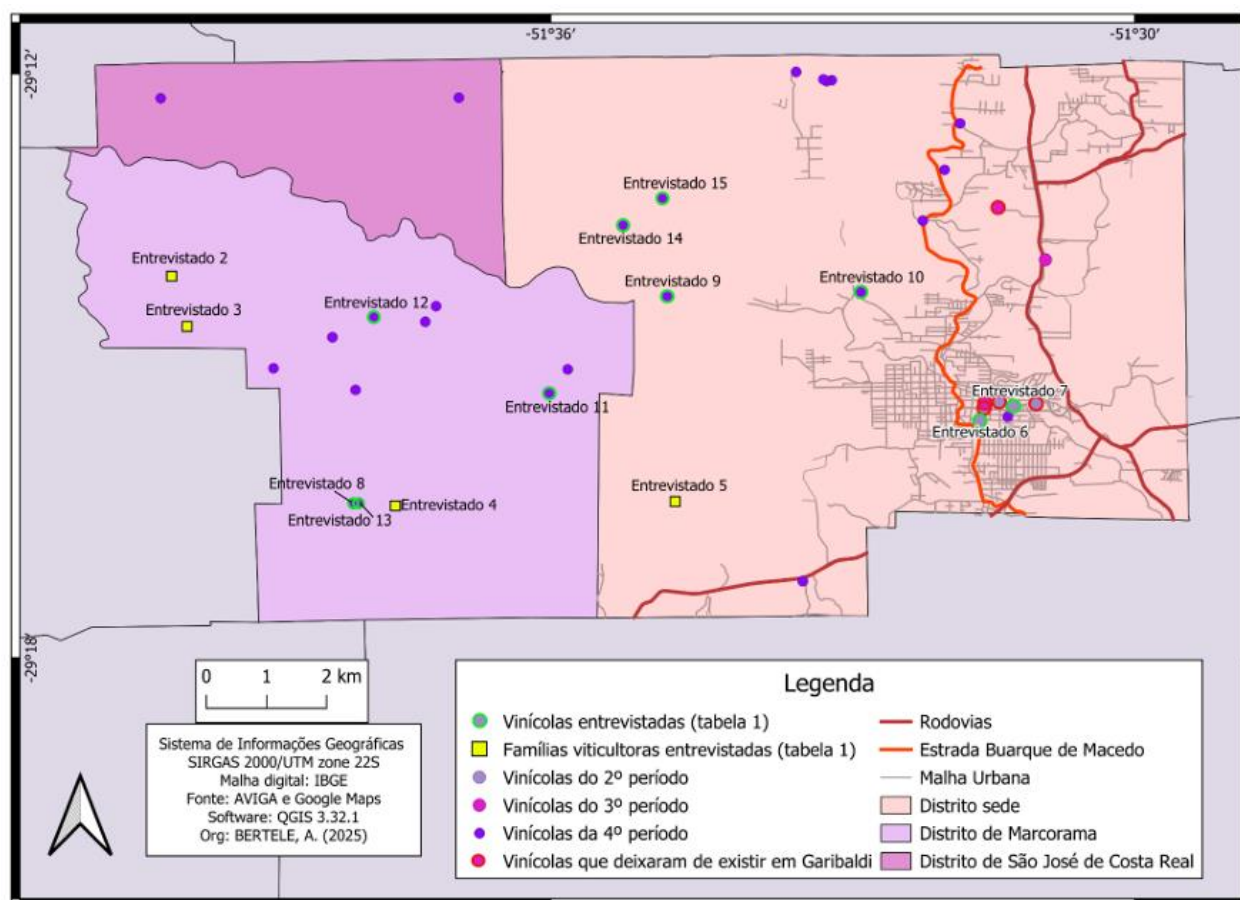
2. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentada no materialismo histórico e na Geografia Crítica. Os procedimentos metodológicos envolveram revisão bibliográfica, pesquisa documental, trabalho de campo, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas, reunindo resultados da dissertação de mestrado da autora.

O trabalho de campo foi realizado entre 2023 e 2025, contemplando áreas urbanas e rurais de Garibaldi. A análise histórica abrangeu o período entre 1870 e 2023, permitindo compreender a evolução da paisagem vitícola. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 17 participantes, selecionados por amostragem intencional, contemplando representantes do poder público, entidades da classe, agricultores familiares e vinícolas (Figura 2) de diferentes portes e sistemas produtivos. A seleção buscou representar diferentes modelos produtivos, localizações e agentes vinculados aos distintos períodos evolutivos da vitivinicultura propostos por Tonietto (2003).

As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise qualitativa e interpretativa, buscando identificar percepções, experiências e significados atribuídos pelos participantes às transformações territoriais decorrentes da modernização da vitivinicultura. A interpretação dos dados foi orientada pelas categorias analíticas de Milton Santos — forma, função, estrutura e processo — articulando as evidências obtidas nas entrevistas, no trabalho de campo e na pesquisa documental à análise da organização espacial e da evolução da vitivinicultura em Garibaldi.

Figura 2 – Mapa das vinícolas do conforme os períodos de Tonietto e das vinícolas entrevistadas em Garibaldi - RS



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como toda pesquisa qualitativa de caráter regional, este estudo apresenta limitações relacionadas ao número de entrevistados e à especificidade do recorte territorial adotado. Além disso, a disponibilidade de dados secundários nem sempre permite distinguir detalhadamente os diferentes segmentos da vitivinicultura local. Assim, os resultados devem ser interpretados à luz das particularidades históricas e territoriais de Garibaldi, não sendo passíveis de generalização para outras realidades.

Para o estudo, foi adotada como referência a periodização da vitivinicultura no Rio Grande do Sul – Brasil proposta por Tonietto (2003), que estabelece os seguintes momentos do desenvolvimento da vitivinicultura no Rio Grande do Sul:

- Primeiro período (1875 a 1929): uso de uva americana, como a Isabel, em cultivo orgânico, com produção artesanal de vinhos;
- Segundo período (1930 a 1969): uso de uvas enxertadas e híbridas, oriundas do cruzamento entre *Vitis vinifera* (europeia) e espécies americanas, com cultivo orgânico e início da produção industrial, sobretudo via cooperativas;
- Terceiro período (1970 a 1989): uso de castas europeias (*Vitis vinifera*), com aplicação de agrotóxicos, intensificação industrial, chegada de multinacionais e produção tecnificada de vinhos varietais;
- Quarto período (1990 aos dias atuais): uso variado de uvas americanas e europeias, com diferentes formas de cultivo (estufas, orgânico, biodinâmico ou convencional), ampliando a diversidade produtiva e incorporando o turismo, impulsionado pelo Vale dos Vinhedos.

3. Desenvolvimento: a organização espacial de Garibaldi

A formação de Garibaldi está diretamente associada ao processo de colonização italiana ocorrido a partir de 1875, no contexto das políticas de ocupação do território promovidas pelo Estado. A região foi organizada segundo o modelo de colônia agrícola, baseada na pequena propriedade familiar, no trabalho dos imigrantes e na produção voltada inicialmente à subsistência, característica típica dos sistemas de agricultura familiar presentes no sul do Brasil (Abramovay, 1998). De acordo com Tonietto (2003), os imigrantes italianos introduziram práticas agrícolas e modos de vida que passaram a estruturar a paisagem local. Segundo o autor, “a colonização italiana na Serra Gaúcha estabeleceu uma relação intensa entre trabalho familiar, terra e produção agrícola, criando as bases da vitivinicultura regional” (Tonietto, 2003, p. 42).

Nesse contexto, a vitivinicultura ganhou importância progressiva, tornando-se elemento central da economia e da identidade cultural local. Para Tonietto (2003), o cultivo da uva e a produção de vinho, inicialmente destinados ao consumo doméstico, passaram gradualmente a assumir caráter comercial, impulsionando a formação de cantinas familiares e, posteriormente, cooperativas e vinícolas, processo que redefiniu a organização do espaço colonial.

Assim, a colonização italiana não se limitou a um evento demográfico, mas configurou um processo histórico de produção do espaço, cujas marcas permanecem visíveis nas formas da paisagem, nas práticas produtivas e na identidade sociocultural do município. Ao analisar a organização espacial de Garibaldi, verifica-se que a vitivinicultura se configura como um elemento estruturante de sua formação econômica e socioespacial. Para isso, os períodos evolutivos da vitivinicultura propostos por Tonietto (2003) serão associados ao desenvolvimento do município, constituindo uma chave interpretativa que permite compreender como diferentes momentos técnicos, produtivos e mercadológicos se materializaram no território, produzindo formas espaciais específicas que permanecem, se transformam e se sobrepõem ao longo do tempo. Esses períodos não devem ser entendidos como etapas estanques, mas como processos históricos cujas heranças se acumulam no espaço geográfico, configurando o que Santos (1996) denomina de rugosidades.

3.1 Primeiro período evolutivo: “vinhos de americanas”

O primeiro período da vitivinicultura na Serra Gaúcha corresponde à fase de implantação da colônia italiana e de adaptação dos imigrantes ao território. Em Garibaldi, esse período, iniciado a partir de 1875, caracteriza-se pela organização do espaço rural com base na pequena propriedade familiar, típica das formas de reprodução social do campesinato no Brasil (Wanderley, 2001), no trabalho dos imigrantes europeus e em um sistema produtivo voltado prioritariamente à subsistência.

Segundo Tonietto (2003), nesse momento inicial, “o cultivo da videira possuía caráter essencialmente doméstico, inserido em um sistema de policultura típico das colônias italianas”, no qual a produção de uva não apresentava ainda finalidade mercantil estruturada. A organização espacial resultante desse período refletiu o modelo de colonização, com parcelamento do solo em lotes estreitos e ocupação dispersa do território. A proximidade entre moradia, áreas de cultivo e pequenas estruturas de vinificação artesanal evidenciava a integração entre trabalho, família e espaço produtivo.

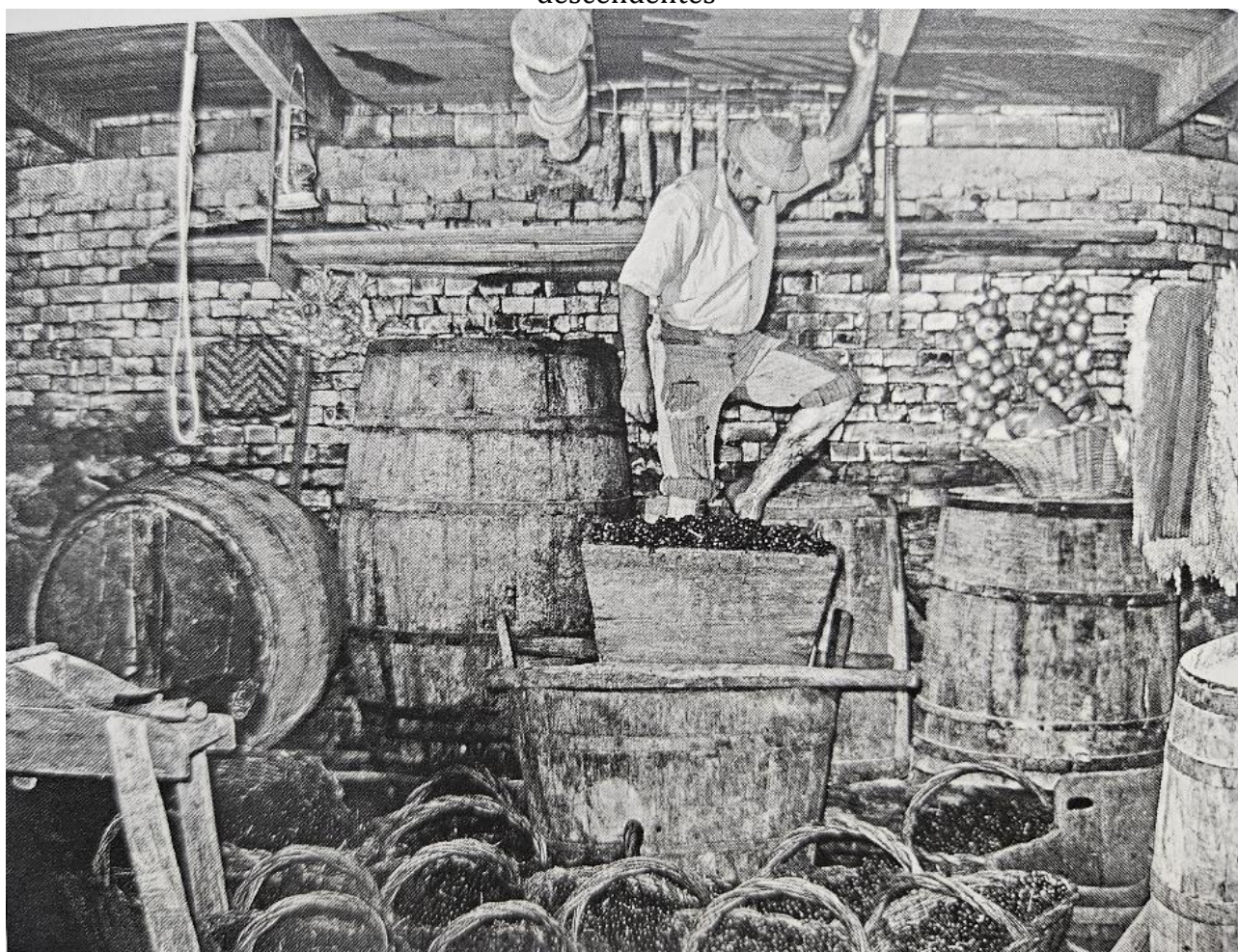
Segundo Tonietto (2003), nesse momento inicial, “o cultivo da uva e a elaboração do vinho tinham caráter essencialmente doméstico, sem padronização técnica ou preocupação com a inserção mercantil”. Em Garibaldi, essa lógica se materializou na implantação de pequenos vinhedos próximos às residências e na construção de cantinas artesanais (Figura 3), nos porões das casas, utilizadas para a produção de vinho destinado ao consumo familiar e às relações de sociabilidade comunitária, bem como para armazenamento e outras atividades do cotidiano familiar e agrícola.

As variedades de uvas cultivadas eram predominantemente americanas, como a Isabel, devido à maior resistência às doenças e à adaptação às condições climáticas da região. Essa escolha técnica, conforme destaca Tonietto (2003), foi determinante para a difusão inicial da vitivinicultura na Serra Gaúcha e teve papel central na consolidação da atividade em Garibaldi. Observações realizadas durante o trabalho de campo indicam que, em diversas propriedades rurais do município, ainda permanecem vinhedos antigos ou áreas de cultivo cuja origem remonta a esse período inicial, evidenciando a permanência das formas espaciais associadas à vitivinicultura colonial.

O plantio era realizado sem preparo adequado do solo, geralmente em terrenos desmatados, pedregosos e pouco corrigidos. Não havia práticas sistemáticas de adubação, capina ou manejo fitossanitário, sendo o controle de pragas feito de forma empírica. A condução da videira dava-se predominantemente pelo sistema de latada ou pérgola, utilizando troncos, galhos e restos de madeira como suporte, sem o uso de arames. A poda era pouco técnica, priorizando a alta produtividade em detrimento da qualidade da uva. A colheita ocorria muitas vezes antes da maturação ideal, resultando em uvas com baixo teor de açúcar e elevada acidez.

A vinificação era realizada nos porões das casas (cantinas domésticas – Figura 3), com esmagamento manual ou com os pés, fermentação em pipas de madeira e ausência de controle de temperatura e higiene. Todo o processo envolvia a família e destinava-se principalmente ao consumo próprio, com venda eventual dos excedentes.

Figura 3 – Representação de um típico porão da casa dos imigrantes italianos e seus descendentes



Fonte: Battistel (2008).

As cantinas domésticas, localizadas nos porões das casas, os parreirais implantados próximos às residências e a paisagem composta por vinhedos conduzidos de forma rudimentar configuram formas espaciais que permanecem no território até os dias atuais. Essas formas constituem heranças materiais do primeiro período, que, conforme Corrêa (1986), não desaparecem com a introdução de novos sistemas produtivos, pois “a organização espacial acumula formas herdadas do passado” (Corrêa, 1986, p. 71). Em Garibaldi, parreirais centenários de Isabel (Figura 4) e edificações antigas ainda desempenham funções produtivas ou simbólicas, evidenciando a permanência dessas heranças.

Figura 4 – Parreiral centenário de Isabel, em Linha Camargo, Garibaldi



Fonte: autora (2025).

É nesse período que, no meio urbano do município, foi desenvolvido o primeiro espumante brasileiro, fruto de uma associação entre o imigrante italiano Peterlongo e o Irmão Marista Pacômio, o que abriu portas para uma pequena produção de vinhos finos e espumantes. Deste modo, a organização espacial local foi caracterizada pela marginalização do habitante da zona rural, muito excluído do processo econômico por isolamento e pela falta de qualidade do vinho produzido, por falta de conhecimento técnico; e pela ascensão econômica de vinícolas do meio urbano, graças aos meios de escoamento e ao conhecimento técnico.

Do ponto de vista da organização espacial, a vitivinicultura no primeiro período contribuiu para a formação de um espaço rural integrado entre moradia, trabalho e produção. Embora não assumisse função econômica central, desempenhava importante papel na reprodução social das famílias e na construção de uma identidade cultural vinculada ao vinho. Os saberes e práticas herdados dos antepassados imigrantes constituíram as bases para a especialização produtiva e a modernização da atividade nos períodos posteriores.

Deste modo, o primeiro período definido por Tonietto assume relevância para a compreensão da produção do espaço em Garibaldi, na medida em que estabelece as bases materiais, produtivas e simbólicas que sustentaram a consolidação da vitivinicultura no município. A análise desse período evidencia que a organização espacial contemporânea resulta de um processo histórico cumulativo, no qual as heranças da colonização italiana continuam a influenciar as formas, os usos e as dinâmicas do espaço local.

Sob a perspectiva das categorias analíticas propostas por Milton Santos, o primeiro período estabelece as bases da organização espacial vitivinícola de Garibaldi. As formas correspondem às pequenas propriedades, aos parreirais conduzidos em latada e às cantinas domésticas; a função da vitivinicultura está voltada principalmente à reprodução social das famílias e ao consumo local; a estrutura organiza-se a partir do trabalho familiar e da policultura; e o processo corresponde à ocupação do território pelos imigrantes italianos e à adaptação das práticas agrícolas às condições naturais da Serra Gaúcha. Essas características constituem as primeiras rugosidades da paisagem vitícola, cujas marcas permanecem presentes no território e condicionam parte das transformações verificadas nos períodos posteriores.

3.2 Segundo período evolutivo: “vinhos de híbridos e de viníferas”

O segundo período evolutivo da vitivinicultura, conforme a periodização proposta por Tonietto, representa, em Garibaldi, a transição decisiva entre a produção artesanal herdada do período colonial e a consolidação de uma vitivinicultura de caráter comercial e industrial, marcando o período de 1930 até o fim dos anos 1960. Esse momento histórico foi marcado pela introdução de uvas híbridas e enxertadas, pelo aprimoramento tecnológico da produção da uva e do vinho, pela ampliação da escala produtiva e pelo fortalecimento das cooperativas e grandes vinícolas, configurando um novo patamar econômico para o município.

Tonietto (2003) destaca que esse período corresponde à transição da produção estritamente artesanal para formas mais organizadas de produção e comercialização. Em Garibaldi, esse processo se materializou na criação e fortalecimento da Cooperativa Vinícola Garibaldi (Figura 5), que passou a desempenhar papel central na organização da produção e na articulação dos produtores ao mercado.

A atuação da Cooperativa provocou transformações relevantes na organização espacial, fortalecendo a agricultura familiar articulada a estruturas coletivas de comercialização e industrialização (Schneider; Cazella; Mattei, 2004). No espaço rural, houve expansão das áreas

cultivadas, maior padronização das técnicas produtivas e fortalecimento da agricultura familiar vinculada a uma lógica coletiva. No espaço urbano, a Cooperativa impulsionou a construção de edificações industriais, armazéns, infraestruturas de transporte e serviços associados à vitivinicultura, contribuindo para o processo de urbanização do município.

No campo, difundiram-se uvas híbridas e enxertadas, melhorias no manejo dos vinhedos e na assistência técnica. Na vinificação, o processo deslocou-se das cantinas domésticas para postos de vinificação, incorporando equipamentos que ampliaram a padronização e a escala produtiva.

Figura 5 – Cooperativa Vinícola Garibaldi entre a década de 1950/1960



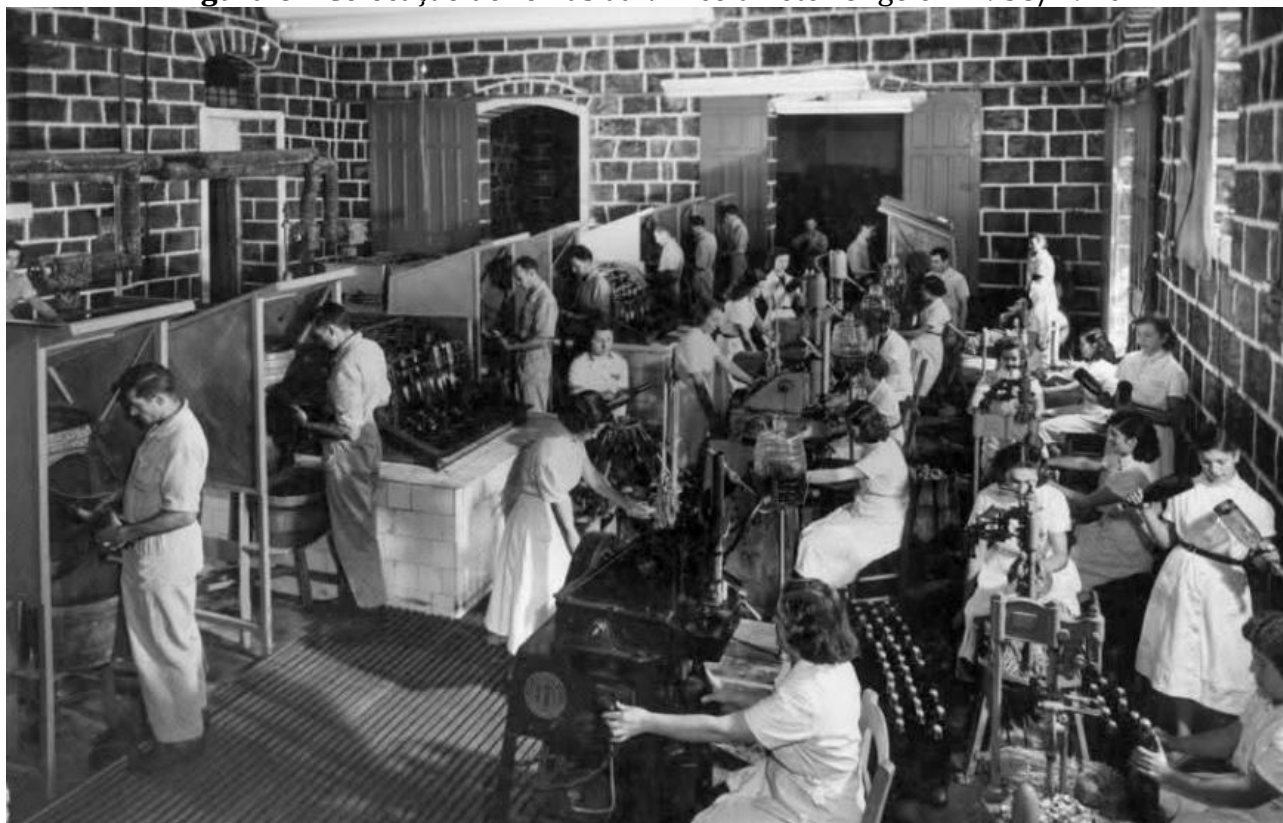
Fonte: Fanti (2011).

Na vinificação, o processo se desloca dos porões domésticos para postos de vinificação e para a Cooperativa, com maior padronização. Utilizam-se grandes pipas de madeira, filtros, bombas e prensas, embora ainda sem controle rigoroso de temperatura. A produção passa a ser em larga escala, com separação clara entre o agricultor (produtor da uva) e a vinícola (responsável pela transformação e comercialização). Consolida-se, em Garibaldi, a produção de vinhos comuns e espumantes pelo método tradicional.

A Cooperativa Vinícola Garibaldi assumiu papel central nesse período, ampliando de forma expressiva o número de associados e concentrando as etapas de vinificação e comercialização. Diante da instabilidade econômica e da dificuldade de inserção direta no mercado, muitos agricultores passaram a depender da Cooperativa como principal canal de escoamento da produção, o que alterou profundamente as relações entre produtores rurais e indústria vinícola.

Vinícolas locais, especialmente às do meio urbano, passaram a abandonar gradativamente o modelo artesanal e adotaram práticas produtivas mais mecanizadas (Figura 6), com maior controle técnico e uso de trabalho assalariado, conforme destacado por Pesavento (1983). Esse movimento marcou o início da industrialização da vitivinicultura no município, processo que teve como protagonistas vinícolas como a Peterlongo, a Granja Pindorama e, sobretudo, a Cooperativa Vinícola Garibaldi.

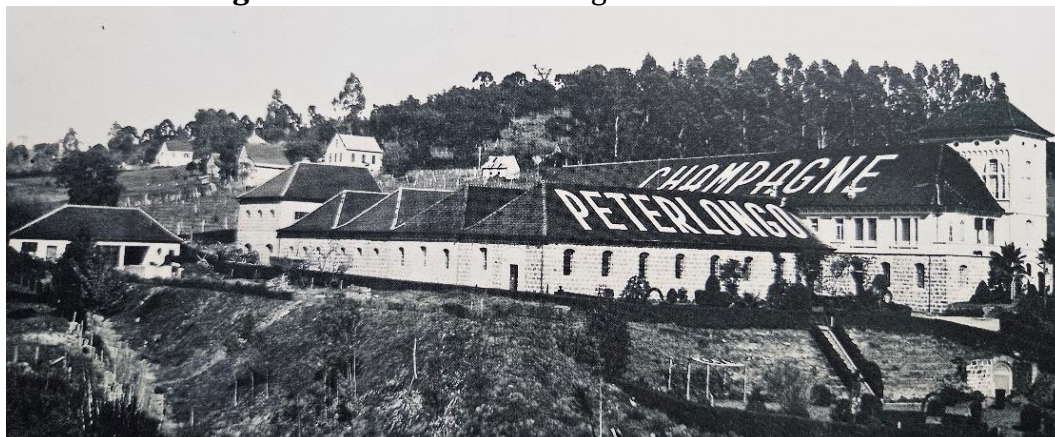
Figura 6 – Colocação de rolhas da Vinícola Peterlongo em 1938/1940



Fonte: Flores (2015).

Outro elemento central do segundo período foi a reorganização espacial da produção, com a instalação de grandes vinícolas próximas à estrada de ferro e à estrada Buarque de Macedo, facilitando o escoamento para Porto Alegre e outros centros consumidores. Paralelamente, postos de vinificação foram implantados na zona rural, aproximando o processamento das áreas produtoras de uva. Nesse contexto, a produção de espumantes começou a se consolidar, destacando-se a Vinícola Peterlongo, pioneira na adoção do método *champenoise* e na implantação de infraestrutura específica, contribuindo para diferenciar a produção local e inserir Garibaldi progressivamente no mercado de espumantes (Figura 7).

Figura 7 – Vinícola Peterlongo na década de 1950



Fonte: Vinícola Peterlongo (2025).

A expansão da produção vitivinícola e a crescente mecanização do processo produtivo impulsionaram transformações significativas na dinâmica urbana do município. A necessidade de operários para atuar nas vinícolas favoreceu o crescimento da população urbana e intensificou o êxodo rural, alterando a relação entre campo e cidade. O agricultor passou a concentrar-se principalmente na produção da uva, enquanto as etapas industriais se centralizaram no espaço urbano.

Assim, o segundo período da vitivinicultura em Garibaldi caracteriza-se pela consolidação da atividade como base econômica do município, pela intensificação das relações capitalistas no meio rural e urbano e pela inserção do território em redes de circulação mais amplas. As transformações ocorridas nesse momento lançaram as bases para os processos de modernização, especialização produtiva e entrada de capitais externos que se intensificariam nos períodos posteriores, mantendo, entretanto, no espaço geográfico, marcas materiais e sociais que ainda hoje compõem a paisagem vitivinícola de Garibaldi.

Embora a expansão das cooperativas e das vinícolas tenha fortalecido a economia local e ampliado a inserção da vitivinicultura de Garibaldi em mercados mais amplos, esse processo também produziu novas contradições territoriais. A crescente especialização produtiva e a centralização das etapas de vinificação e comercialização na cooperativa e grandes vinícolas reduziram a autonomia dos agricultores familiares, que passaram a concentrar-se na produção da uva e a depender dessas instituições para o processamento e a comercialização de sua produção. A modernização promoveu ganhos econômicos e tecnológicos e redefiniu as relações de poder entre os agentes da cadeia vitivinícola, evidenciando que a reorganização do território ocorreu de maneira desigual, beneficiando distintos segmentos em intensidades diferentes.

Sob a perspectiva das categorias analíticas de Milton Santos, observa-se que a função da vitivinicultura se desloca progressivamente do âmbito doméstico para o econômico-comercial. O vinho deixa de ser predominantemente um produto de consumo familiar e passa a assumir centralidade como mercadoria, inserida em redes de circulação que ultrapassam os limites regionais.

A estrutura produtiva e social do segundo período caracteriza-se pela intensificação das relações capital-trabalho e pela subordinação progressiva do agricultor às exigências das vinícolas e da Cooperativa, que assumiram o papel central na organização da produção, recebendo a uva dos agricultores, realizando a vinificação e controlando a inserção do produto no mercado. Essa estrutura implicou uma redefinição do papel do viticultor, que deixou de dominar todas as etapas do processo produtivo, passando a se especializar na produção da matéria-prima.

A reorganização espacial promovida nesse período evidencia a transição para uma vitivinicultura de caráter industrial. As formas passam a incluir a cooperativa, postos de vinificação, armazéns e novas infraestruturas urbanas; a função da atividade desloca-se definitivamente para a produção comercial; a estrutura torna-se mais complexa, articulando agricultores familiares, cooperativa e indústrias; enquanto o processo corresponde à consolidação da industrialização da vitivinicultura e ao fortalecimento da integração entre campo e cidade. Essa reorganização amplia a inserção de Garibaldi em circuitos econômicos regionais, ao mesmo tempo em que redefine as relações entre os agentes responsáveis pela produção do espaço. Assim, o terceiro período da vitivinicultura em Garibaldi caracteriza-se por uma configuração híbrida.

3.3 Terceiro período evolutivo: “vinhos varietais”

O terceiro período da vitivinicultura começa em 1970 e corresponde à fase de modernização técnica, intensificação da especialização produtiva e maior inserção do setor vitivinícola em mercados nacionais e internacionais. A principal característica desse período é a chegada de multinacionais vinícolas ao território, que passam a coexistir – de forma nem sempre equilibrada – com vinícolas e a Cooperativa historicamente consolidadas no município.

A entrada e a ampliação da atuação de multinacionais no setor vitivinícola local alteraram significativamente a dinâmica produtiva local. Essas empresas passaram a operar com elevado grau de capitalização, domínio tecnológico e estratégias comerciais voltadas a mercados de grande escala, impondo padrões rigorosos de qualidade, produtividade e

padronização. Em Garibaldi, tal movimento intensificou a concorrência e redefiniu as condições de inserção dos produtores locais, especialmente daqueles vinculados à produção de uvas.

A vitivinicultura local passa a ser controlada pelas empresas estrangeiras, que, entre as novidades trazidas, destaca-se a produção de vinhos finos e varietais, marco desse período. Para tal, as uvas americanas perdem espaço para as europeias, as chamadas *Vitis vinífera*, que passam a ser cultivadas no sistema de espaldeira (Figura 8), com utilização de agrotóxicos na forma de manejo. Deste modo, houve a demanda de aparato técnico aos agricultores.

Figura 8 – Vinhedo no sistema de espaldeira na zona rural de Garibaldi

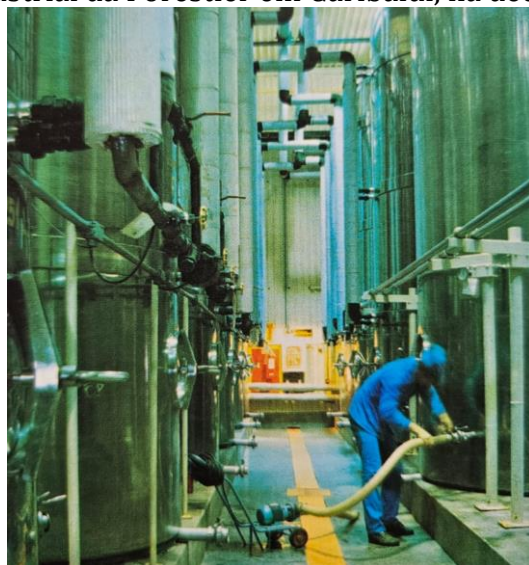


Fonte: autora (2025).

No campo, ocorre a ampla introdução de viníferas europeias (como Chardonnay, Cabernet Sauvignon, Pinot Noir e Riesling Itália), cultivadas sem o uso de híbridos. As técnicas vitícolas tornam-se mais especializadas, com assistência agrônoma constante, testes de adaptação, controle rigoroso da produtividade e colheita no ponto ideal de maturação. A qualidade da uva passa a ser critério central de remuneração ao produtor.

Na vinificação, observa-se uma ruptura tecnológica com os períodos anteriores. São introduzidos, tanques de aço inoxidável (Figura 9), controle automático de temperatura, seleção de leveduras, maior rigor sanitário e processos industriais modernos. Destaca-se a produção de vinhos varietais, elaborados majoritariamente com uma única variedade de uva, e a consolidação de espumantes tanto pelo método *Champenoise* quanto pelo método *Charmat*.

Figura 9 – Instalações de vinificação em aço inoxidável, trazidas da Califórnia (EUA), no Parque Industrial da Forestier em Garibaldi, na década de 1980



Fonte: Dal Pizzol e De Sousa (2014).

Deste modo, o período é marcado pela incorporação de avanços tecnológicos no cultivo da uva e na elaboração do vinho, como o uso de tanques de inox com controle de temperatura, a mecanização parcial das atividades agrícolas, o uso de agrotóxicos, o aprimoramento do controle enológico e a adoção de padrões técnicos mais rigorosos. Essas transformações resultaram em ganhos de produtividade e qualidade, mas também intensificaram a dependência dos produtores em relação às vinícolas, aprofundando a especialização do agricultor na produção da matéria-prima.

A modernização técnica da vitivinicultura, embora tenha ampliado a competitividade do setor e elevado os padrões de qualidade da produção, não produziu efeitos homogêneos sobre os diferentes agentes do território. Os agricultores familiares passaram a conviver com novas exigências de investimento em tecnologia, adequação varietal e adoção de práticas produtivas mais especializadas, condições que nem todos conseguiam atender. Como resultado, intensificaram-se as diferenciações socioeconômicas entre os produtores, favorecendo aqueles com maior capacidade de investimento e ampliando a vulnerabilidade dos estabelecimentos familiares menos capitalizados.

A atuação das multinacionais, por meio de investimentos em tecnologia, logística e marketing, contribuiu para a reorganização do setor e intensificou a concentração econômica. As relações contratuais mais rígidas ampliaram a especialização produtiva e a dependência dos agricultores em relação às exigências técnicas e mercadológicas, aumentando a vulnerabilidade dos pequenos produtores. Sob a perspectiva territorial, a modernização também redefiniu as

relações de poder, conferindo às multinacionais maior influência sobre variedades cultivadas, padrões de qualidade e formas de comercialização, muitas vezes em detrimento das estratégias tradicionais de reprodução social da agricultura familiar.

A modernização produtiva implicou concentração industrial, redefinição das áreas de cultivo e maior especialização territorial. Pequenos produtores enfrentaram dificuldades para se adequar às novas exigências técnicas e mercadológicas, enquanto grandes empresas passaram a exercer maior controle sobre a produção. Conforme Moreira (2010), “o espaço é um movimento historicamente determinado pelas tensões e contradições que são estruturais do modo de produção” (Moreira, 2010, p. 118), o que se evidencia nesse período marcado por desigualdades, exclusões e reestruturação das relações de trabalho.

Paralelamente à expansão das multinacionais, fortaleceu-se a criação de vinícolas familiares como estratégia de reorganização da agricultura familiar diante das transformações do mercado. Essas iniciativas permitiram a retomada do controle sobre o processamento e a comercialização do vinho, reduzindo a dependência das grandes empresas e favorecendo a permanência das famílias no meio rural. Contudo, essa alternativa não foi acessível a todos os produtores, evidenciando diferentes capacidades de investimento e adaptação às exigências da modernização.

Outro aspecto central do terceiro período é a intensificação das transformações socioespaciais associadas à reestruturação produtiva. A concentração das etapas industriais no espaço urbano e a redução da necessidade de mão de obra no meio rural ampliaram o êxodo rural e reforçaram a centralidade da cidade de Garibaldi como polo industrial vitivinícola. Ao mesmo tempo, a permanência de pequenas propriedades familiares no meio rural evidencia a coexistência de diferentes temporalidades produtivas.

Assim, o terceiro período da vitivinicultura em Garibaldi caracteriza-se por uma configuração híbrida, na qual multinacionais, vinícolas locais e vinícolas familiares compartilham o mesmo território, ainda que com níveis distintos de poder econômico e capacidade de influência. Essa convivência não elimina as heranças dos períodos anteriores, mas as ressignifica, produzindo um espaço vitivinícola marcado por tensões, adaptações e permanências.

Sob a perspectiva da organização espacial, esse período redefine profundamente a dinâmica territorial de Garibaldi. As formas passam a incorporar vinhedos conduzidos em espaldeira, parques industriais modernos e equipamentos tecnológicos; a função da

vitivinicultura amplia-se para atender mercados nacionais e internacionais; a estrutura produtiva torna-se mais especializada, articulando agricultores, cooperativa, vinícolas familiares e empresas multinacionais; e o processo expressa a modernização técnica e a crescente inserção da produção local nas dinâmicas do capitalismo global. Essas transformações não eliminam as formas herdadas dos períodos anteriores, mas produzem novas rugosidades e intensificam as desigualdades entre os diferentes agentes envolvidos na atividade vitivinícola.

As transformações ocorridas nesse período evidenciam que a modernização da vitivinicultura foi marcada por contradições territoriais. Ao mesmo tempo em que promoveu ganhos de produtividade, inovação tecnológica e inserção em mercados mais amplos, também aprofundou desigualdades entre os agentes envolvidos na atividade, alterando as relações entre agricultores, cooperativa e empresas privadas. O território passou a expressar diferentes ritmos de desenvolvimento e distintas estratégias de reprodução social, demonstrando que os benefícios da modernização foram distribuídos de forma desigual entre os produtores.

3.4 Quarto período evolutivo: “vinhos de qualidade produzidos em Regiões Determinadas”

Já o quarto período da vitivinicultura corresponde à fase mais recente de reorganização do setor, a partir dos anos 1990, caracterizada pela intensificação da globalização, pela valorização da qualidade e da diferenciação produtiva e pela centralidade crescente do território como elemento estratégico. Em Garibaldi, esse período adquire contornos próprios, uma vez que se articula diretamente com os resultados históricos acumulados ao longo dos períodos anteriores e com a consolidação do município como referência nacional na produção de espumantes.

Caracteriza-se pela diversificação produtiva, pela busca por qualidade, pela valorização da origem e pela incorporação do turismo à vitivinicultura. Tonietto (2003) destaca que essa fase emerge como resposta à abertura do mercado brasileiro aos vinhos importados, enfatizando a necessidade de diferenciação territorial e valorização do terroir. Em Garibaldi, esse período está associado ao fortalecimento e surgimento de várias pequenas vinícolas familiares, à retomada de práticas artesanais, ao uso diversificado de uvas americanas e europeias e à adoção de sistemas de cultivo alternativos, como o cultivo em estufa, o orgânico e o biodinâmico.

É também marcado pela incorporação de exigências técnicas cada vez mais rigorosas, relacionadas tanto aos processos produtivos quanto à inserção mercadológica. A abertura do mercado nacional para os vinhos importados fez com que o mercado vinícola se tornasse cada vez mais competitivo, tendo como vencedor o vinho importado. Nesse cenário, todas as vinícolas instaladas em Garibaldi passam a operar em um contexto de forte concorrência, no qual certificações de qualidade, adequação a normas nacionais e internacionais tornam-se condições fundamentais para a permanência no mercado. Esse cenário reforça a seletividade do setor, favorecendo empresas com maior capacidade de investimento e adaptação tecnológica.

Com a abertura do mercado aos vinhos importados, somado a crises econômicas do setor, com exceção da Chandon, que nesse período parou de produzir vinho e focou apenas na produção de espumantes, todas as vinícolas multinacionais que estavam mais próximas de concorrer com os vinhos importados em termos de qualidade, abandonaram Garibaldi, por não ser mais economicamente lucrativa, muitas delas, inclusive, entrando em falência.

Essas transformações evidenciam o papel dos agentes sociais na produção do espaço. Corrêa (2007) destaca que o capital e o Estado são agentes centrais nesse processo, pois orientam políticas públicas, investimentos e estratégias territoriais. Assim, “a organização espacial é um reflexo e uma condição da sociedade” (Corrêa, 2007, p. 67), expressando as relações sociais e econômicas dominantes em cada período histórico. As multinacionais, que chegaram ao país apoiadas por políticas estatais, também o abandonaram, entre outros fatores, por políticas estatais (abertura do mercado).

A abertura do mercado brasileiro aos vinhos importados, na década de 1990, impôs um cenário de crise à vitivinicultura nacional, dificultando inicialmente a expansão das vinícolas locais e contribuindo para a saída da maior parte das multinacionais instaladas em Garibaldi. A retirada dessas empresas deixou muitos viticultores sem canais de escoamento para a produção de uvas, desencadeando um processo de reorganização produtiva. Nesse contexto, surgiram diversas vinícolas de pequeno e médio porte na zona rural do município, criadas por agricultores e empreendedores locais para absorver a matéria-prima que havia perdido mercado. Ao longo desse processo de reestruturação, a ausência das multinacionais abriu espaço para o fortalecimento das vinícolas locais, que passaram a investir na produção familiar e artesanal, na melhoria da qualidade dos vinhos e na valorização da identidade territorial. Essas estratégias favoreceram a conquista de novos nichos de mercado e ampliaram a capacidade de competir com os vinhos importados.

Assim, as vinícolas familiares e a Cooperativa Garibaldi adotam estratégias diferenciadas de inserção no mercado. Diante da impossibilidade de competir em escala com o vinho importado, essas vinícolas passam a enfatizar elementos como identidade territorial, tradição, saber-fazer herdado da imigração italiana e produção em menor escala. O espumante e o vinho, nesse contexto, é ressignificado como produto de valor simbólico, associado à história local, à paisagem vitivinícola e à memória da colonização. Essas estratégias, entretanto, não eliminaram as diferenças estruturais entre os agentes do setor, uma vez que a capacidade de investimento, inovação e acesso aos mercados continuou distribuída de forma desigual entre as empresas e os agricultores familiares.

A valorização do território materializa-se na diversificação produtiva, no fortalecimento das marcas locais e na expansão do enoturismo. No meio rural, o quarto período evidencia a permanência de pequenas propriedades familiares, ainda que inseridas em uma lógica produtiva fortemente regulada por exigências técnicas e mercadológicas. Os produtores permanecem, em grande parte, vinculados a Cooperativa e vinícolas por meio de contratos de fornecimento, o que garante o escoamento da produção, mas também impõe padrões rígidos de qualidade e limita a autonomia produtiva. Além disso, questões como sucessão familiar, envelhecimento da população rural, diminuição da população rural e custos crescentes de produção configuram desafios centrais desse período bem como do futuro da vitivinicultura local.

Portanto, o espaço geográfico de Garibaldi é caracterizado pela coexistência de diferentes temporalidades produtivas na vitivinicultura. Estruturas herdadas dos períodos anteriores — como antigas cantinas, edificações industriais e parcelas de pequena propriedade — permanecem ativas ou ressignificadas, convivendo com instalações modernas, tecnologias avançadas e estratégias globais de mercado. Essa coexistência evidencia que o quarto período não representa uma ruptura total, mas sim a reorganização seletiva das heranças históricas da vitivinicultura local.

Sob a perspectiva da Geografia, essa coexistência de temporalidades revela que o território vitivinícola não resulta de um processo linear de modernização, mas da sobreposição de permanências e transformações historicamente construídas. As formas herdadas dos períodos anteriores convivem com novas funções econômicas e estratégias globais de mercado, produzindo um espaço marcado por rugosidades, adaptações e contradições. Desse modo, a modernização não substituiu integralmente as estruturas preexistentes, mas as ressignificou segundo novas lógicas de produção, consumo e valorização territorial.

À luz das categorias analíticas de Milton Santos, observa-se que a organização espacial de Garibaldi passa a combinar permanências históricas e novas racionalidades produtivas. As formas correspondem à coexistência entre antigas cantinas, pequenas propriedades familiares, modernas vinícolas, equipamentos turísticos e novas infraestruturas voltadas ao enoturismo; a função da vitivinicultura amplia-se para além da produção de vinho, incorporando atividades culturais, turísticas e de valorização territorial; a estrutura torna-se ainda mais diversificada, reunindo cooperativas, vinícolas familiares, empresas privadas, Estado e diferentes segmentos do mercado; e o processo evidencia a articulação entre globalização, inovação tecnológica e valorização das especificidades locais como estratégia de reprodução econômica do território.

Assim, o quarto período da vitivinicultura em Garibaldi caracteriza-se por uma configuração complexa, marcada pela articulação entre globalização e territorialização, pela centralidade do espumante e do vinho como produto econômico e simbólico e pela valorização do território como diferencial competitivo. A vitivinicultura contemporânea do município é resultado de um processo histórico acumulativo, no qual as transformações recentes não eliminam as marcas do passado, mas as ressignificam em um contexto de forte competitividade e integração a mercados mais amplos.

4. Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar a formação econômica e socioespacial de Garibaldi (RS) e sua relação com a vitivinicultura, buscando compreender como essa atividade estruturou e continua estruturando a organização do espaço geográfico ao longo do tempo. A análise dos períodos evolutivos da vitivinicultura e de sua materialização no território demonstrou que a atividade constitui o principal elemento estruturante da organização espacial do município, influenciando os espaços rural e urbano. Evidenciou-se, ainda, que cada período deixou heranças expressas em formas espaciais, práticas produtivas e relações sociais que permanecem atuantes, resultando em uma organização marcada pela sobreposição de tempos históricos e pela coexistência de elementos tradicionais e modernos.

O papel dos diversos agentes sociais envolvidos no processo — agricultores familiares, cooperativa, indústrias vinícolas, Estado e mercado — mostrou-se central na produção e na reorganização do espaço geográfico de Garibaldi. As estratégias adotadas por esses agentes, em diferentes contextos históricos, contribuíram para a conformação de dinâmicas territoriais específicas, evidenciando as relações de poder, cooperação e conflito que permeiam a

vitivinicultura local. Nesse sentido, a análise confirmou que a organização espacial é resultado direto das relações sociais de produção e das condições históricas que as sustentam.

Os resultados também evidenciam que a modernização da vitivinicultura produziu efeitos distintos sobre os agricultores familiares. Se, por um lado, possibilitou a incorporação de novas tecnologias, a agregação de valor por meio da elaboração própria de vinhos, do enoturismo e da valorização da identidade territorial, por outro, intensificou exigências técnicas e mercadológicas que nem todos os produtores conseguiram atender. Como consequência, ampliaram-se as diferenciações socioeconômicas entre os estabelecimentos familiares, revelando que a modernização do setor ocorreu de forma seletiva e marcada por contradições territoriais, nas quais oportunidades de desenvolvimento coexistem com processos de dependência, especialização produtiva e desigualdade.

A utilização das categorias analíticas de Milton Santos permitiu compreender que as transformações da vitivinicultura redefiniram continuamente as formas, funções, estruturas e processos que organizam o espaço geográfico de Garibaldi. A incorporação de novas técnicas, agentes e relações econômicas ocorreu sem eliminar as materialidades herdadas, resultando em uma paisagem vitivinícola marcada pela sobreposição de diferentes temporalidades. Nesse sentido, os conceitos de heranças e rugosidades evidenciam o território como espaço historicamente construído, no qual formas e práticas são constantemente ressignificadas diante das novas racionalidades produtivas e mercadológicas. Essa dinâmica reforça a vitivinicultura como elemento fundamental da identidade territorial de Garibaldi, marcada pela coexistência de continuidades, rupturas e desigualdades.

Dessa forma, o artigo cumpre seus objetivos ao demonstrar que a formação econômica e socioespacial de Garibaldi está intrinsecamente vinculada à vitivinicultura, atividade que continua desempenhando papel central na organização do espaço geográfico local. Ao contribuir para o debate geográfico sobre as relações entre atividades produtivas, organização espacial e processos históricos de produção do território, este estudo reforça a importância da análise histórica e territorial como instrumento fundamental para a compreensão das dinâmicas espaciais em regiões vitivinícolas.

5. Apoio Recebido

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, concedida à primeira autora.

6. Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Retratos da colônia italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DAL PIZZOL, Rinaldo; DE SOUSA, Sérgio Inglez. **Memórias do Vinho Gaúcho**. 1. Ed. – Porto Alegre, RS: AGE, 2014.
- FANTI, Cassius André. **La Nostra Cooperativa**. Cooperativa Vinícola Garibaldi, 2011.
- FLORES, Maria Amelia Duarte. **Linha de rotulagem da Peterlongo em meados de 1935/1938**. Facebook, 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1190160247679483&set=a.531896655409559&locale=pt_BR. Acesso em: 15 ago. 2025.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Rio Grande do Sul: agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- PETERLONGO. **Vinícola Peterlongo na década de 1950**. Arquivo Histórico da Vinícola Peterlongo, 2025.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1977.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCHNEIDER, S.; CAZELLA, A. A.; MATTEI, L. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- TONIETTO, Jorge. **A vitivinicultura brasileira: evolução e perspectivas**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003.

WANDERLEY, M. N. B. **A agricultura familiar no Brasil**: um espaço em construção. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 33–45, 2001.

Contribuição das autorias (de acordo com a taxonomia [CRediT](#))

Alberta von Mühlen Bertele – participou da conceitualização, investigação, administração do projeto, visualização e redação do rascunho.

Eduardo Schiavone Cardoso – participou da estruturação do texto, supervisão e revisão final do artigo.